

Crise iguala retóricas

Luiz Fernando Godinho
Da equipe do **Correio**
Com agências

Sérgio Amaral



RYFF E BENEVIDES: ASSESSORES DE GAROTINHO E CIRO EVITARAM ATACAR ACORDO COM O FMI PARA CONTER ALTA DO DÓLAR

Na campanha presidencial de 1994, o principal alvo do candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva, foi o Plano Real. Ele dizia que o programa econômico, lançado em julho daquele ano, não tinha sustentação e serviria apenas para eleger seu criador, o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Lula perdeu as eleições e se arrependeu de ter atacado o Real. Para o eleitor, ficou a idéia de que ele e seu partido eram contrários à estabilidade econômica e não mereciam seu voto. Na atual campanha, os candidatos de oposição — Lula, inclusive — querem evitar o erro cometido pelo líder petista há oito anos.

A possibilidade de o novo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) estabilizar a economia pelos próximos meses está igualando o discurso econômico dos candidatos de oposição e de seus assessores. Todos querem evitar as críticas ao acordo para não assustar o eleitor e transmitir a imagem de que apostam no “quanto pior melhor”.

O tom do discurso oposicionista foi dado logo na manhã de ontem pelo candidato do PT, que lidera as pesquisas de intenção de voto. Em entrevista à rádio CBN, ele disse que é favorável ao acordo. “Aprovo a idéia do Brasil ter que pegar dinheiro, porque a situação exigia que o Brasil pegasse.” Uma postura muito diferente do líder de um partido que, nos anos 80, era um dos principais divulgadores do bordão “fora FMI”. Mais tarde, ao ser questionado sobre essa incoerência, o candidato adotou uma metáfora para explicar-se. “Não tem coisas que eu sou mais contra do que ir ao

dentista. E eu tenho de ir de vez em quando.” Lula preocupou-se em dizer que quer conhecer o conteúdo do acordo e em apontar os erros da política econômica que tornaram necessário o novo empréstimo de US\$ 30 bilhões.

O candidato Ciro Gomes (PPS-PDT-PTB), que está em segundo lugar nas pesquisas, continua se recusando a falar sobre o acordo. Mas seu principal assessor econômico, Mauro Benevides Filho, afirmou ontem que um eventual governo Ciro honrará o acordo fechado com o Fundo. “O FMI tem juro barato e dinheiro de longo prazo. Quem não quer isso?”, perguntou, em Brasília, durante evento no Conselho Federal de Economia (Confecon). Para ele, o problema não é o FMI, mas o modelo econômico do governo

brasileiro que leva o país a tomar empréstimos do Fundo.

No Rio, o candidato Anthony Garotinho (PSB) procurou marcar posição e se diferenciar dos demais colegas de oposição. Mesmo assim, foi cauteloso. Disse estar “preocupado” com o acordo e que “ninguém deve comemorar uma ida ao banco para pegar dinheiro emprestado para pagar dívidas”. Mas em Brasília, seu principal assessor econômico reconstruiu o discurso do candidato. O economista Tito Ryff garantiu que ele e Garotinho apóiam o acordo com o FMI. Ryff contou que, na noite de anteontem, falou pelo telefone com o ministro Pedro Malan (Fazenda) sobre o assunto. “Entendemos a necessidade do acordo, mas ele é resultado de uma polí-

tica econômica desastrosa. O acordo é necessário para retirar o país da situação na qual o governo o colocou”, disse Ryff, no mesmo evento do Confecon.

A defesa do acordo com o FMI pelos candidatos da oposição permitiu ao assessor econômico do PSDB, Geraldo Biasoto Júnior, uma pequena brincadeira com o assunto. Durante o evento do Confecon, ele disse que “era muito difícil falar bem sobre um acordo com o FMI”. Ao ser questionado pelos jornalistas sobre quais seriam essas dificuldades, ele disse apenas que se tratava de uma questão pessoal. “Sempre critiquei o FMI quando era do movimento estudantil.”

**COLABORARAM ALBERTO RAMOS,
UGO BRAGA E DENISE ROTHENBURG**